



Revista Brasileira de
CIÊNCIAS DO ESPORTE

www.rbceonline.org.br



ARTIGO ORIGINAL

Análise da organização competitiva de crianças e jovens: adaptações estruturais e funcionais

Michel Milistetd^{a,*}, Juarez Vieira do Nascimento^b, Jorge Silveira^a, Denise Fusverki^a

^aDepartamento de Educação Física, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati, PR, Brasil

^bPrograma de Pós-Graduação em Educação Física, Departamento de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

Recebido em 23 de abril 2012; aceito em 2 de setembro de 2012

PALAVRAS-CHAVE

Competição,
Federações esportivas;
Crianças;
Jovens

Resumo O objetivo da presente pesquisa foi analisar a organização de competições em federações esportivas de diferentes modalidades. A partir da análise de documentos oficiais, foram avaliadas 14 federações esportivas e suas respectivas idades de início da participação competitiva, a divisão de categorias, alterações estruturais e alterações funcionais. Os resultados encontrados apontam que o início das competições oficiais em todas as modalidades esportivas, com exceção do atletismo e da natação, ocorre antes dos 10 anos de idade. Com relação às modificações estruturais, a federação de futebol é a que menos propõe mudanças, alterando apenas o seu tempo de jogo. As federações de basquetebol, handebol e ginástica estabelecem o maior número de mudanças estruturais, respeitando as particularidades do público infantojuvenil. Quanto às modificações funcionais, a federação de voleibol apresenta o maior número de alterações, que se referem à execução de fundamentos (saque, bloqueio), ações de jogo (levantamento, número de atacantes) e limitações táticas nas primeiras categorias. As alterações apresentadas pelas federações paranaenses revelam clara preocupação com adaptações para o melhor aproveitamento da prática esportiva pelos jogadores, respeitando pressupostos pedagógicos da formação esportiva a longo prazo. No entanto, o início do envolvimento competitivo parece ocorrer antes das idades recomendadas pela literatura especializada, favorecendo o surgimento de um quadro de especialização esportiva precoce destes jovens atletas.

© 2014 Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Publicado por Elsevier Editora Ltda. Todos os direitos reservados.

KEYWORDS

Competition;
Sports federations;
Children;
Youths

Analysis of the Competitive Organization of Sports for Children and Youths Structural and Functional Adaptations

Abstract The aim of this study was to analyze the organizational structure of competitions in different sports' federations. From the analysis of official documents, 14 sports federations were assessed, as well as their respective ages of competitive participation onset, the division of categories, and structural and functional changes. The results show that official competitions in all sports, except track and field and swimming start occurring before athletes reach the age of 10 years. In regard to structural changes, the soccer federation is the one that proposes the least modifications, as it only alters the playing time. The basketball, handball, and gymnastics federations provide the largest number of structural changes, respecting the particularities of children and youth. As for the functional changes, the volleyball federation, among those investigated, shows the largest number of modifications, which refer to the execution of the basics

* Autor para correspondência.

E-mail: michel_canhoto@hotmail.com (M. Milistetd).

PALABRAS CLAVE

Competición;
Federaciones;
Deportivas;
Niños
Jóvenes

(e.g. serve, block), playing actions (setting, number of hitters), and tactical limitations in the primary categories. The modifications submitted by the federations from Paraná show adaptations for the better fruition of sports practice by the athletes, respecting the pedagogical assumptions of long-term sports development. However, the onset of competitive involvement seems to occur before the age recommended in the specialized literature, facilitating the precocious specialization of young athletes.

© 2014 Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Published by Elsevier Editora Ltda. All rights reserved.

Análisis de la organización competitiva crianzas e jóvenes: adaptaciones estructurales e funcionales

Resumen El objetivo de este estudio fue analizar la estructura organizativa de competiciones en federaciones de diferentes deportes. A partir del análisis de los documentos oficiales, se evaluaron 14 federaciones deportivas y sus respectivas edades de inicio de la participación competitiva, la división de categorías, cambios estructurales y funcionales. Los resultados muestran que el inicio oficial de la competición en todos los deportes excepto en atletismo y natación, corre antes de los 10 años de edad. A respecto a los cambios estructurales, la federación de fútbol es la que propone menos cambios, cambiando sólo su tiempo de juego. Las federaciones de baloncesto, balonmano y gimnasia ofrecen el mayor número de cambios estructurales, respetando las particularidades de los niños y jóvenes. A respecto de los cambios funcionales, la Federación de Voleibol, entre los investigados, presenta el mayor número de enmiendas, que se refieren a la ejecución de los fundamentos (de dibujo, el bloque), las acciones de juego (encuesta, el número de atacantes) y las limitaciones tácticas en las primeras categorías. Las enmiendas propuestas por federaciones del Paraná revelan ajustes de preocupaciones claras para una mejor utilización de los jugadores en practicar deportes, los supuestos pedagógicos, respetando la formación deportiva a largo plazo. Sin embargo, el inicio de la participación competitiva parece ocurrir antes de las edades recomendadas por la literatura, favoreciendo la aparición de un cuadro de especialización deportiva temprana de los jóvenes atletas.

© 2014 Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Publicado por Elsevier Editora Ltda. Todos los derechos reservados.

Introdução

Milhares de crianças e jovens estão envolvidos em programas regulares de orientação esportiva no Brasil, e a sua afiliação acontece normalmente em escolinhas, acolhendo um público de 4 a 16 anos de idade (Paes, 2006). A procura deste grupo etário pelas práticas esportivas tem objetivos múltiplos e significados variados.

De maneira geral, a preparação esportiva dos mais jovens deve estar sustentada por pressupostos de educação e formação, respeitando suas necessidades e interesses (Kirk, 2005). No entanto, a crescente importância social do fenômeno esportivo, aliada ao aumento da oferta de competições em um quadro cada vez mais especializado, passou a definir novas exigências do envolvimento infanto-juvenil, determinando participações e especializações de crianças e adolescentes cada vez mais precoces (Silva; Fernandes; Celani, 2001).

No atual panorama esportivo, muitos jovens passam diversos anos de sua vida envolvidos em treinamentos regulares e em competições de elevada exigência. Em consequência disso, crianças e adolescentes provam o sucesso e obtêm grande prazer nas práticas especializadas. Contudo, muitos outros jovens, possivelmente com o mesmo potencial, são prejudicados por não estarem preparados para suportar as cargas de treino e de competição, o que acarreta danos físicos e psicológicos (Armstrong; Welsman, 2005). Além disso, a expectativa

dos pais, a pressão dos clubes, dos treinadores e até mesmo do próprio sistema competitivo podem conduzir alguns atletas ao abandono precoce da atividade esportiva (Barros; De Rose, 2006).

Para que a competição possa desempenhar um papel fundamental na formação do jovem esportista, ela deve ser rapidamente reestruturada. Os sistemas de treino e de competição dos mais jovens carecem de grande aprofundamento em suas fundamentações científicas. Os modelos explicativos existentes apoiam-se ainda no conhecimento empírico e em orientações pedagógicas e normativas alicerçados, sobretudo em modelos vigentes na competição adulta (Brito; Fonseca; Rolim, 2004; Fonseca, 2004; Paes, 2006).

Ao estudarem as alterações do sistema competitivo de crianças e jovens, Rotella e Bunker (1998) relatam que, na liga americana de futebol, jovens atletas, ao serem indagados sobre melhorias no sistema, sugeriram algumas alterações, entre as quais a diminuição do tamanho do terreno de jogo, a redução do número de jogadores e a eliminação do goleiro, atribuindo, dessa maneira, maior participação de todos os jogadores e maior motivação para a sua prática.

Em outra investigação realizada no Canadá, praticantes de hóquei no gelo tiveram a oportunidade de alterar a estrutura competitiva da modalidade. A partir disso, proibiram treinadores ou árbitros de gritar com os jogadores, permitiram que os participantes jogassem em todas as

posições e, independentemente da importância do jogo, todos os atletas deveriam jogar períodos iguais de tempo (Cardoso, 2007).

A reprodução de competições para adultos e a busca incessante por resultados podem comprometer o desenvolvimento físico, psíquico e social de crianças e adolescentes, indo contra todos os pressupostos e objetivos da formação esportiva na infância e juventude. A organização da competição infantojuvenil à imagem do modelo formal tende a valorizar mais os aspectos biológicos associados à performance e deixa de lado os fatores de ordem ética, pedagógica e de saúde (Côté; Baker; Abernethy, 2007).

Ao considerar os aspectos pedagógicos da formação nos esportes coletivos, Mesquita, Pereira e Graça (2009) relatam que o modelo pioneiro das metodologias de ensino estruturalistas é o Teaching Games for Understanding (TGfU), de Bunker e Thorpe (1982). O TGfU é regido no ensino pelo jogo - ou seja, em sua própria essência competitiva, na qual é sustentado por quatro princípios pedagógicos: tipo de jogo, modificação por representação, modificação por exagero e adaptação da complexidade tática. As alterações propostas pelos autores se referem às mudanças físicas e materiais na modalidade (alterações estruturais) e também às mudanças na complexidade do jogo (alterações funcionais), no intuito de torná-lo mais simples e compreensível, facilitando o acesso de crianças e jovens à prática de diferentes modalidades.

Diante disso, fica claro que a competição de crianças e jovens deve ter particularidades claras que a distanciam da competição de adultos, em sua condição de promotora da formação e educação esportiva de jovens atletas. Assim, este estudo teve por objetivo analisar a estrutura competitiva de federações esportivas, suas idades de iniciação, divisão de categorias, alterações estruturais e alterações funcionais em modalidades coletivas e individuais.

Materiais e métodos

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo exploratório de análise documental, que usa os regulamentos oferecidos pelas Federações Esportivas para verificar a organização competitiva de menores. A opção pela análise de federações do Paraná foi intencional, pela disponibilidade de materiais nas federações estaduais e pelo centro de investigação ser localizado em uma universidade pública do mesmo estado.

Os documentos analisados foram: regulamentos, livros, livretos e cartilhas, disponíveis em 2011 no site de 14 federações esportivas. Entre estas, cinco eram de modalidades coletivas (basquetebol, futebol, futsal, handebol e voleibol) e nove, individuais (atletismo, ginástica artística, ginástica rítmica, judô, caratê, natação, tae-kwon-do, tênis e tênis de mesa).

No tratamento dos dados utilizaram-se os recursos da estatística descritiva, com valores de média e frequência absoluta, considerando as idades de início de envolvimento competitivo, a categorização e respectivas idades utilizadas em cada federação, as alterações estruturais (tempo de jogo, espaço de jogo, sistema de pontuação e equipamentos utilizados) e as alterações funcionais (mudanças nas regras de ação dos jogadores para melhor aproveitamento das categorias) propostas em cada modalidade esportiva.

Apresentação dos resultados

A análise dos documentos permitiu detectar as idades de início competitivo em cada federação. Compreende-se este início como a idade mínima de participação na primeira categoria de cada modalidade, independente da nomenclatura adotada em cada uma das federações.

Os dados contidos na tabela 1 revelam que as crianças entre 6 e 8 anos já participam de práticas competitivas regulamentadas nas modalidades de futsal e handebol. Nas

Tabela 1 Divisão de categorias de menores e faixas etárias em esportes coletivos.

Idade	Basquetebol	Futebol	Futsal	Handebol	Voleibol
06			Mamadeira		
07			Fraldinha		
08				Mini	
09			Pré-mirim		
10	Mini	Mirim		Pré-mirim	Mini
11			Mirim		
12	Pré-mirim	Infantil		Mirim	Petiz
13	Mirim			Infantil	Pré-mirim
14	Infantil	Juvenil	Infantil	Cadete	Mirim
15	Infantojuvenil		Infantojuvenil		Infantil
16				Juvenil	Infanto
17	Juvenil			Junior	Juvenil
18		Junior	Juvenil		
19					

modalidades de basquetebol, futebol e voleibol, a competição inicia-se aos 10 anos.

Em todos os documentos federativos analisados foram encontradas modificações estruturais e funcionais para o melhor aproveitamento competitivo dos jovens atletas. A tabela 2 apresenta o número de modificações estruturais e funcionais de cada uma das modalidades esportivas coletivas, em suas respectivas categorias.

A modalidade futsal, entre as federações analisadas, é a que mais cedo promove a prática competitiva; porém, é a federação que menos estabelece modificações para crianças abaixo de 10 anos. As modificações sugeridas em seus regulamentos correspondem às alterações no tempo de jogo, peso e tamanho da bola e no número obrigatório

de substituições, fazendo com que todos os jogadores participem efetivamente do jogo.

No caso do basquetebol, a categoria mini, especificamente, apresenta diversas mudanças estruturais, como tempo, dimensões, alvo e bola. No que diz respeito à funcionalidade do jogo na categoria, destacam-se a obrigatoriedade de substituição, a imposição da defesa individual e a diminuição de algumas violações.

As alterações estruturais e funcionais na organização competitiva da Federação Paranaense de Handebol se assemelham às da Federação Paranaense de Basquetebol; a categoria mini, em especial, tem um elevado número de alterações. Nas demais categorias são mantidas alterações na bola, no tempo, nas dimensões, nas substituições e nas estruturas de defesa pré-definidas.

Tabela 2 Número de alterações estruturais (E) e alterações funcionais (F) em cada categoria dos esportes coletivos.

		Mini	Pré-mirim	Mirim	Infantil	Infanto	Juvenil
Basquetebol	_____	E: 5 F: 4	E: 5 F: 3	E: 4 F: 2	E: 1 F: 0	E: 1 F: 0	E: 0 F: 0
Futebol	_____	_____	_____	Mirim E: 1 F: 0	Infantil E: 1 F: 0	Juvenil E: 1 F: 0	Junior E: 0 F: 0
Futsal	Mamadeira E: 2 F: 1	Fraldinha E: 2 F: 1	Pré-mirim E: 2 F: 1	Mirim E: 2 F: 1	Infantil E: 2 F: 1	Infanto E: 0 F: 1	Juvenil E: 0 F: 0
Handebol	Mini E: 5 F: 3	Pré-Mirim E: 3 F: 2	Mirim E: 1 F: 2	Infantil E: 1 F: 2	Cadete E: 1 F: 2	Juvenil E: 1 F: 0	Junior E: 1 F: 0
Voleibol	Mini E: 4 F: 5	Petiz E: 1 F: 6	Pré-Mirim E: 1 F: 4	Mirim E: 1 F: 0	Infantil E: 1 F: 0	Infanto E: 0 F: 0	Juvenil E: 0 F: 0

Tabela 3 Divisão de categorias de menores e faixas etárias em esportes individuais.

Idade	Atlet.	GA	GRD	Judô	Caratê	Nat.	TKD	Tênis	T.Mesa
05		Estreante I							
06		Estreante I			Pré-mirim		Fraldinha		
07		Estreante II		Mirim	Mirim		Mirim		Pré-mirim
08		Pré-infantil	Pré-infantil	Infantil	Mirim		Infantil menor		Pré-mirim
09		Pré-infantil	Pré-infantil	Infantil	Pré-infantil		Infantil maior		Pré-mirim
10		Pré-mirim	Infantil	Infantojuvenil	Pré-infantil		Infantil maior	Infantil	Pré-mirim
11		Pré-mirim	Infantil	Infantojuvenil	Pré-infantil	Infantil 1	Infantil maior	Infantil	Pré-mirim
12		Pré-mirim	Infantil	Infantojuvenil	Pré-infantil	Infantil 2	Infantil maior	Infantil	Mirim
13		Mirim	Juvenil	Juvenil	Pré-juvenil	Juvenil 1	Infantil maior	Infantil	Infantil
14		Mirim	Juvenil	Juvenil	Pré-juvenil	Juvenil 2	Infantil maior	Infantil	Infantil
15		Mirim	Juvenil	Juvenil	Pré-juvenil	Juvenil 1	Infantil maior	Infantil	Infantil
16		Menores	Juvenil	Juvenil	Juvenil	Junior 1	Junior	Infanto	Juvenil
17		Menores	Juvenil	Juvenil	Juvenil	Junior 2	Junior	Juvenil	Juvenil
18		Juvenil	Juvenil	Juvenil	Juvenil	Juvenil	Junior	Juvenil	Juvenil
19		Juvenil	Juvenil	Juvenil	Juvenil	Juvenil	Junior	Juvenil	Juvenil

Atlet., atletismo; GA, ginástica artística; GRD, ginástica rítmica desportiva; Nat., natação; TKD, tae kwon do; T.Mesa, tênis de mesa.

Ao analisar a estrutura competitiva das modalidades esportivas individuais, foi verificado que as Federações Paranaenses de Caratê e de Natação apresentam seis distintas categorias etárias, superando o restante dos esportes avaliados. É importante ressaltar que algumas modalidades individuais consideram elementos que vão além da idade cronológica para dividir os atletas.

No grupo das ginásticas, há divisões por nível técnico, e a ginástica rítmica desportiva (GRD) não promove competições do naipe masculino. Na ginástica artística (GA) há provas exclusivamente femininas (trave) e outras exclusivamente masculinas (argolas e cavalo com alças). No grupo das lutas, há a divisão pelo peso dos competidores, e nas modalidades tênis e tênis de mesa, existe uma subdivisão pelo nível técnico dos participantes, representada por distintas classes de jogo.

A Federação Paranaense de Ginástica promove competições a partir dos 5 anos para a ginástica artística, e 8 anos para a ginástica rítmica desportiva. A principal diferença entre elas são as categorias de estreante I e II da GA, inexistentes na GRD. Destaca-se, também, que as ginásticas diferenciam-se das demais modalidades individuais pelo fato de os atletas atingirem a categoria adulta aos 16 anos.

As modificações funcionais propostas pela Federação Paranaense de Ginástica se referem ao número de elementos que são obrigatórios em cada série e à complexidade de execução dos exercícios. Por outro lado, as modificações estruturais dizem respeito às mudanças nas dimensões dos equipamentos de prática.

No caso das lutas, a prática competitiva inicia-se a partir dos 6 anos de idade. As três federações avaliadas se assemelham muito nas propostas de alterações estruturais e funcionais, que são limitadas apenas às três primeiras categorias e correspondem, respectivamente, ao tempo de combate e à permissão da utilização e complexidade de execução de alguns golpes.

A modalidade atletismo divide-se em três grupos de disciplinas: provas de pista, provas de campo e provas combinadas. O elevado número de provas determina alterações estruturais nas distâncias, altura de barreiras e pesos dos artefatos. Ocorrem também alterações funcionais na diminuição da complexidade das provas combinadas. Na natação, as alterações estruturais se referem à redução das distâncias nas provas até a categoria Juvenil 2; entre as alterações funcionais, considera-se a ausência do nado medley até a mesma categoria.

Tabela 4 Número de alterações estruturais (E) e alterações funcionais (F) em esportes individuais.

	Estreante I	Estreante II	Pré-infantil	Infantil	Juvenil	
GA	E: 2 F: 1	E: 2 F: 1	E: 4 F: 2	E: 4 F: 1	E: 0 F: 0	—
GRD	—	—	Pré-infantil E: 3 F: 1	Infantil E: 3 F: 0	Juvenil E: 0 F: 0	—
Judô	Mirim E: 1 F: 2	Infantil E: 1 F: 2	Infanto E: 1 F: 2	Pré-juvenil E: 0 F: 0	Juvenil E: 0 F: 0	Júnior E: 0 F: 0
Karatê	Pré-mirim E: 1 F: 1	Mirim E: 1 F: 1	Pré-infantil E: 1 F: 1	Infantil E: 0 F: 0	Infanto E: 0 F: 0	Juvenil E: 0 F: 0
TKD	Fraldinha E: 1 F: 1	Mirim E: 1 F: 1	Inf. Menor E: 1 F: 1	Inf. Maior E: 1 F: 1	Júnior E: 0 F: 0	—
Atletismo ^a	—	—	Pré-mirim E: 4 F: 1	Mirim E: 4 F: 1	Menores E: 1 F: 0	Juvenil E: 0 F: 0
Natação ^b	Infantil 1 E: 1 F: 1	Infantil 2 E: 1 F: 1	Juvenil 1 E: 1 F: 1	Juvenil 2 E: 1 F: 1	Júnior 1 E: 0 F: 0	Júnior 2 E: 0 F: 0
Tênis	—	—	Infantil E: 2 F: 0	Infanto E: 2 F: 0	Juvenil E: 0 F: 0	—
Tênis de Mesa	Pré-pré-mirim E: 0 F: 0	Pré-mirim E: 0 F: 0	Mirim E: 0 F: 0	Infantil E: 0 F: 0	Juvenil E: 0 F: 0	—

^aNúmero médio de modificações em cada categoria de disciplinas do atletismo.

^bNúmero de modificações por prova.

O tênis foi o esporte que menos apresentou alterações, distinguindo-se do seu formato adulto apenas estruturalmente, na contagem de pontos e número de sets. Já o tênis de mesa não conta com qualquer tipo de adaptação estrutural ou funcional para a prática competitiva de crianças e jovens.

Discussão dos resultados

Os esportes coletivos são considerados modalidades de especialização tardia, por causa das características de desenvolvimento do praticante. A literatura especializada sugere que o início da prática sistematizada deva ocorrer por volta dos 10 a 12 anos de idade, após uma fase de experiências motoras diversificadas (Baker; Côté; Abernethy, 2003; Balyi, 2001).

Como consequência, o início competitivo desse grupo de modalidades deve ocorrer entre 12 e 14 anos, quando os jovens já conseguem suportar a carga física e psíquica de estresse envolvida no ambiente competitivo (Bompa, 2000; Côté; Baker; Abernethy, 2007).

Ao estudar atletas da seleção brasileira de futsal, Santana *et al.* (2006) obtiveram dados que indicavam que 18 dos 27 jogadores entrevistados iniciaram seu envolvimento competitivo federado na modalidade antes dos 10 anos de idade. Arena e Böhme (2004), analisando algumas federações esportivas de São Paulo, apontam que a Federação Paulista de Futsal organiza competições a partir dos 6 anos de idade. Esses resultados se assemelham aos da presente investigação e demonstram que o futsal é a modalidade esportiva que mais cedo promove a competição infantil. Apesar de difundido mundialmente, o futsal não tem uma federação internacional própria. Este fato pode favorecer o comprometimento da estrutura competitiva de menores, pois as entidades internacionais das demais modalidades indicam diretrizes para o envolvimento esportivo e competitivo de crianças e jovens (Santana; Ribeiro, 2010).

A Federação Paranaense de Futebol apresenta apenas quatro divisões etárias e um reduzido número de modificações competitivas. O tempo de jogo é a única alteração estrutural que a federação propõe. Costa *et al.* (2010) advogam que o aproveitamento das capacidades técnico-táticas de atletas em estruturas de jogo reduzido é superior quando comparado ao das estruturas formais de jogo, o que justificaria propostas funcionais na estruturação competitiva da Federação Paranaense de Futebol.

Entre as modalidades coletivas investigadas, a Federação Paranaense de Voleibol apresentou o maior número de modificações funcionais, além das alterações estruturais de altura de rede e dimensões de quadra e bola. Tal fato pode se justificar pelas particularidades da modalidade e pela necessidade de domínio dos fundamentos básicos para se obter a dinâmica do jogo. Essa reestruturação do jogo é descrita na literatura especializada como essencial para o aprendizado técnico, favorecendo também o aumento da motivação entre os praticantes (Mesquita, 2006).

Além da federação de voleibol demonstrar preocupação com a estruturação da competição infantil, representada pelo elevado número de modificações na categoria mini, as federações de basquetebol e handebol também apresentaram um considerável número de alterações. Muitos inves-

tigadores (Costa *et al.*, 2010; Graça; Mesquita, 2002; Garganta, 2004) afirmam que o uso de jogos reduzidos deve ser parte estruturante do processo de ensino-aprendizagem dos esportes coletivos. Ao colocar o jovem praticante frente aos problemas do jogo, respeitando as mesmas regras de ação do jogo formal (ataque, defesa e transição), a sua participação é valorizada e, como consequência, há um maior desenvolvimento de autonomia do jogo, percepção, atenção e tomada de decisão, características cognitivas que são fundamentais para qualquer esporte coletivo.

Na análise dos esportes individuais, o início do envolvimento competitivo infantil nas modalidades de ginástica parece se desenvolver em idades tão baixas quanto o futsal. No entanto, ao descrever um modelo de formação esportiva de longo prazo, Balyi (2001) explica que os esportes coordenativos, caso das ginásticas, requerem uma preparação especializada mais cedo, pois, pelas características do desenvolvimento humano, até aos 10 anos a criança está na melhor fase para o aprendizado das capacidades coordenativas e para o desenvolvimento da flexibilidade (Weineck, 2004). Além disso, ginastas de menor peso e estatura têm vantagem biomecânica para a realização de movimentos acrobáticos, fato que incentiva a competição de seus praticantes nessas idades (Lopes; Nunomura, 2007).

No caso das lutas, em que as federações consultadas apresentaram ofertas competitivas também em idades reduzidas, investigadores da área (Breda *et al.*, 2010) afirmam que esse envolvimento competitivo é justificado pela necessidade de desenvolver os aspectos culturais, que compreendem preceitos morais e éticos, característicos das artes marciais. Todavia, cabe ressaltar que a formação dos professores (mestres) ainda segue critérios próprios, e o seu desenvolvimento pedagógico é fundamentalmente empírico, baseado em experiências enquanto atletas (Fett; Fett, 2009). Dados preocupantes, uma vez que um trabalho sem princípios pedagógicos sustentados pode ser facilmente substituído por valores imediatistas de preparação, desrespeitando o desenvolvimento saudável de jovens atletas.

As federações de atletismo e natação, no que se refere às idades de iniciação, parecem estar de acordo com os pressupostos da formação esportiva na literatura consultada (Paes, 2006; Barros; De Rose, 2006; Balyi, 2001). Ao estudar o desenvolvimento de atletas no atletismo, Nascimento (2005) advoga que, em alguns países europeus e da América do Norte, o início da competição de crianças ocorre mais cedo. Especificamente no Brasil, o autor aponta que a maioria dos atletas adultos investigados em seu estudo - que tinham elevada expressão internacional - teve envolvimento competitivo tardio na modalidade, após a prática de outras atividades esportivas. Esses achados sugerem que o sucesso competitivo adulto não depende de um envolvimento infantil precoce na modalidade, corroborando os resultados de Brito, Fonseca e Rolim (2004), que, ao analisarem a carreira de atletas de diferentes provas de atletismo em Portugal, constataram que apenas 11% das meninas entre os primeiros lugares na categoria infantil mantiveram os resultados na categoria adulta.

Ao contrário dos demais jogos esportivos analisados, as federações de tênis e tênis de mesa não apresentam reestruturações das competições para menores em relação às competições adultas. O tênis se assemelha às particularidades do tênis de mesa quanto à funcionalidade do jogo e à atenção distributiva (Vilani; Lima; Samulski, 2002).

Entretanto, as dimensões do espaço de jogo são superiores, o que exige maior desempenho das capacidades condicionais, como força e velocidade. Por causa da complexidade de técnico-tática e da aleatoriedade e imprevisibilidade de ações, que são características de qualquer jogo esportivo (Garganta, 2004), Cafruni (2002) sugere que os jogadores de tênis comecem a competir a partir dos 15 anos, diferentemente da idade de 10 anos definida pela Federação Paranaense de Tênis.

Considerações finais

A partir da análise dos documentos das 14 federações paranaenses, verificou-se que em todas as modalidades esportivas, com exceção do atletismo e natação, o início da participação em competições oficiais acontece antes dos 10 anos de idade. Com relação ao número de divisões propostas em cada federação, as categorias etárias variam entre quatro (futebol) e sete (voleibol, handebol e futsal).

As modalidades que mais apresentaram alterações são aquelas que envolvem maior complexidade técnica, especificamente o voleibol e a ginástica artística. O atletismo é a modalidade que mais tem divisões (corridas: rasas, médio e fundo; saltos e lançamentos), o que gera principalmente alterações estruturais (mudanças de distância, pesos, combinação de provas), buscando respeitar as condições energético-orgânicas de seus praticantes.

As alterações estruturais e funcionais demonstradas no presente estudo revelam preocupações com o melhor aproveitamento competitivo de jovens atletas, apanágio da formação esportiva de longo prazo. No entanto, a prematuridade do envolvimento competitivo pode favorecer um quadro de especialização precoce, pois crianças de faixa etária menor ainda não estão preparadas para suportar as excessivas cargas de estresse que a competição envolve, o que pode gerar sérias consequências ou, até mesmo, o abandono da prática esportiva.

As federações estaduais que regulamentam o futebol e o futsal, consideradas modalidades populares no país, não apresentaram modificações significativas em suas diferentes categorias. Tais evidências demonstram o baixo comprometimento e interesse dessas instituições em favorecer a formação esportiva de longo prazo, bem como o envolvimento saudável de crianças e jovens em sua prática.

Referências

- Arena, S.S., Böhme, M.T.S. Federações esportivas e organização de competições para jovens. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Taguatinga, v. 12, n. 4, p. 45-50, mar. 2004.
- Armstrong, N., Welsman, J. Essay: Physiology of the child athlete. *The Lancet*, Londres, v. 366, p. S44-S45, jul. 2005.
- Baker, J., Côté, J., Abernethy, B. Sport specific training, deliberate practice and the development of expertise in team ball sports. *Journal of Applied Sport Psychology*, Londres, v. 15, p. 12-25, jun. 2003.
- Balyi, I. *Sport System Building and Long-Term Athlete Development in British Columbia*. Canadá: SportsMed BC, 2001.
- Barros, J., De Rose Jr., D. Situações de stress na natação infanto-juvenil: atitudes de técnicos e pais, ambiente competitivo e momentos que antecedem a competição. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Taguatinga, v. 14, n. 4, p. 79-86, mar. 2006.
- Bompa, J. O. *Total training for young champions*. Champaign: Human Kinetics, 2000.
- Breda, M. et al. *Pedagogia do esporte aplicada às lutas*. São Paulo: Phorte, 2010.
- Brito, N., Fonseca, A., Rolim, R. Os melhores atletas nos escalões de formação serão igualmente os melhores atletas no escalão sénior? Análise centrada nos rankings femininos das diferentes disciplinas do Atletismo ao longo das últimas duas décadas em Portugal. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, Porto, v. 4, n. 1, p. 17-28, jan. 2004.
- Bunker, D.; Thorpe, R. A model for the teaching of games in secondary schools. *Bulletin of Physical Education*, v. 18, n. 1, p. 5-8, 1982.
- Cafruni, C. *Análise da carreira desportiva de atletas brasileiros*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade do Porto. Porto, 2002.
- Cardoso, M.F. *Para uma teoria da competição desportiva para crianças e jovens: um estudo sobre os conteúdos, estruturas e enquadramentos das competições desportivas para os mais jovens em Portugal*. 2007. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto, Porto, 2007.
- Costa, I.T. et al. Analysis of tactical performance of youth soccer players. *The Open Sports Sciences Journal*, v. 3, p. 70-72, jan. 2010.
- Côté, J., Baker, J., Abernethy, B. Practice and Play in the Development of Sport Expertise. In: Eklund, R.; Tenenbaum, G. *Handbook of sport psychology*. 3. ed. Hoboken: Wiley, 2007.
- Fett, C.A., Fett, W.C.R. Filosofia, ciência e a formação do profissional de artes marciais. *Motriz*, Rio Claro, v. 15, n. 1, p. 173-184, ago. 2009.
- Fonseca, A. O abandono das práticas desportivas: Aspectos psicológicos. In: Gaya, A., Marques, A.T., Tani, G. *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 265-288.
- Garganta, J. A formação estratégico-táctica nos jogos desportivos de oposição e cooperação. In: Gaya, A., Marques, A.T., Tani, G. *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 217-233.
- Graça, A., Mesquita, I. A investigação sobre o ensino dos jogos desportivos: Ensinar e aprender as habilidades básicas do jogo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, Porto, v. 2, n. 5, p. 67-79, jan. 2002.
- Kirk, D. Physical Education, youth and lifelong participation: the importance of early learning experiences. *European Physical Education Review*, Chester, v. 11, n. 3, p. 239-255, out. 2005.
- Lopes, P., Nunomura, M. Motivação para a prática e permanência na ginástica artística de alto nível. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 177-87, jul./set. 2007.
- Mesquita, I. Ensinar bem para aprender melhor o jogo de voleibol. In: Tani, G., Bento, J.O., Peterson, R. (Orgs.). *Pedagogia do desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 327-344.
- Mesquita, I., Pereira, F., Graça, A. Modelos de ensino dos jogos desportivos: investigação e ilações para a prática. *Motriz*, Rio Claro, v. 15 n. 4 p. 944-954, out./dez. 2009.
- Nascimento, A.C.S.L. *Pedagogia do esporte e o atletismo: considerações acerca da iniciação e da especialização esportiva precoce*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- Paes, R. *Pedagogia do esporte: especialização esportiva precoce*. In: Tani, G., Bento, J.O., Petersen, R.D.S (Orgs.). *Pedagogia do desporto*. 1. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 219-226.

- Rotella, B., Bunker, L. *Parenting your superstar: how to help your child balance achievement and happiness*. Chicago: Triumph Books, 1998.
- SANTANA, W., Ribeiro, D. Idades de início de atletas de futsal de alto rendimento na prática sistemática em competições federadas da modalidade. *Revista Pensar a Prática*, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2010.
- Santana, W.C., Reis, H.B., Ribeiro, D. A iniciação de jogadores de futsal com participação na Seleção Brasileira. *Revista EF-Deportes*, Buenos Aires, año 11, n. 96, 2006. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd96/futsal.htm>. Acesso em: 29 de junho de 2011.
- Silva, F.M., Fernandes L., Celani F. O. Desporto de crianças e jovens - um estudo sobre as idades de iniciação. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, Porto, v. 1, n. 2, p. 45-55, set. 2001.
- Vilani, L.H.P., Lima, F.V., Samulski, D.M. Atenção e Concentração no Tênis de Mesa: Síntese e Recomendações para o Treinamento. In: Silami-Garcia, E., Lemos, K.L.M. *Temas atuais VII: Educação Física e esportes*. Belo Horizonte: Editora Health, 2002. p. 173-190.
- Weineck, J. *Treinamento ideal*. 9. ed. São Paulo: Manole, 2004.